

*Alguns aspectos históricos*

OS POTIGUARA

*Os Potiguara da Paraíba-1975*

*Francisco J. Moonen (Antropólogo da UFPB)*

CEDI - P. I. B.
DATA 14/10/86
COD 15201

Nos 475 anos de convivência com os brancos, os Potiguara já passaram por várias situações de contato, nem sempre felizes, e que ainda não foram devidamente estudadas por historiadores e antropólogos. Mas o resultado tem sido uma extrema pobreza cultural. Os Potiguara perderam os privilégios, direitos e confortos que possuíam, e foram obrigados a viver de acordo com as regras e os valores da sociedade nacional, mas ao mesmo tempo não tiveram pleno acesso a esta sociedade e à sua cultura. Perderam as suas terras, que até hoje <sup>elas</sup> lhes foram restituídas. Tiveram acesso à língua portuguesa, à religião católica, à alimentação, etc... mas não na medida em que que riam. As crianças frequentam as poucas escolas primárias existentes dentro do PI.

Entretanto elas não são aspectos essenciais, simplesmente lhes foi imposto, aquilo que realmente queriam, foi-lhes negado: suas terras, roubadas pelos habitantes regionais; sua religião, proibida pelas autoridades Estaduais.

No caso dos Potiguara, a preservação da cultura indígena, seria de qualquer modo impossível, já que ela há muito não "existe" mais. Esta cultura tradicional não pode ser revivida, nem os Potiguara querem isso, querem apenas um verdadeiro e completo acesso à cultura nacional, que até hoje lhes foi negado.

Os Potiguara pertencem aos grupos indígenas em plena fase de recuperação demográfica. O SPI informava o seguinte:

- 1934 - 433 pessoas
- 1942 - 715 pessoas
- 1946 - 1043 pessoas
- 1961 - 2298 pessoas
- 1966 - 2400 pessoas

Na primeira metade de 1975 foi realizado um novo recenseamento em 4 aldeias do PI: São Francisco, Galego, Forte e S. Miguel.

Em quase dez anos, a população das aldeias São Francisco e Galego aumentou de fato em 31% e 15%, respectivamente. Em São Francisco não houve aumento populacional devido à imigração de elementos novos, mas ao contrário, esse aumento teria sido ainda maior não fosse a emigração de muitos para outras regiões do Brasil.

Em São Miguel houve um decréscimo populacional devido à migração para a Baía da Traição.

Existem remanescentes indígenas que habitam a Baía Traição, e essas terras sempre foram terras indígenas.

Devido ao alto número de pessoas residentes em São Francisco e no Galego, a criação de qualquer projeto, destinado a melhorar a situação Potiguara, deve-se concentrar nestas duas aldeias, pois além de beneficiar seus 720 hab, atingirã as várias aldeias próximas como: Santa Rita, Tracueira, Laranjeira, Forte e São Miguel.

O estado de saúde dos Potiguara é precário. Mais de quatrocentos anos de contato com sociedade nacional já transformaram os remanescentes, imunes às doenças trazidas pelos brancos como a tuberculose, gripe, sarampo, entretanto isso não quer dizer que estas doenças estejam ausentes; apenas que não dão mais origem à dizimação ou a extinção do grupo.

Doenças mais incidentes:

1. Verminose - principalmente com relação as crianças;
2. Sífilis - sete pessoas escolhidas e examinadas pelos médicos da UFPB na Aldeia São Francisco, eram portadoras do mais alto grau de sífilis, portanto pessoas que não tenham algum grau de sífilis devem ser raras.

3. Anemia - Constatada em várias pessoas da Aldeia São Francisco.
4. Subnutrição - Comum em quase a totalidade da população.

"Para o alto índice de verminose contribue o costume de andar descalço, principalmente, entre as crianças".

A sífilis, doença desconhecida entre os índios antes da descoberta do Brasil, deve ter sido introduzida entre os Potiguara, já quando dos seus primeiros contatos com a sociedade dos brancos, há séculos. Embora a prostituição propriamente dita não existe em São Francisco, há casas para este fim em Baía da Traição, frequentadas também pelos Potiguara.

Com o desmatamento desapareceu também a caça de maior porte. Em São Francisco há apenas um caçador regular.

#### Migrações:

Outro fator que influencia na estrutura demográfica Potiguara, são as migrações. Principalmente devido aos casamentos inter-aldeias. Mas o que importa são as migrações para fora do PI.

De São Francisco em 1975 emigraram 63 pessoas, do Galego, 42 pessoas. Dessas migrações foram excluídos, os remanescentes que se mudaram para a cidade de Baía da Traição, já que esta fica dentro do PI.

Entre as cidades preferidas pelos emigrantes, deve ser mencionado o Rio de Janeiro. Dos 63 emigrantes de São Francisco, 28 foram para o Rio de Janeiro e apenas 16 para João Pessoa.

#### As Terras Potiguara

Os Potiguara receberam no início do séc. XVIII do Rei de Portugal, uma sesmaria na Baía da Traição, com uma superfície de cerca de 800 Km<sup>2</sup> (Amorim 1970/71:15).

Por volta de 1930, os Potiguara passaram à tutela do SPI; um mapa do SPI delimita uma área de aprox. 200 km<sup>2</sup> entre

os rios Camaratuba e Mamanguape, mas que nunca foram demarcados.

Em 1966 eram 28 pioneiros nessa área.

Somente de dez. de 1974 a março de 1975, foram re  
gistrados três casos de invasões. Em fins de 1978 houve o caso  
 do "Sítio Melo", um coqueiral logo na entrada da Baía da Traição  
 cuja posse era reclamada por F.L.M.

Quase ao mesmo tempo, a Fábrica de tecidos Rio  
 Tinto passou a cortar madeira em terras indígenas, ocupando uma  
 área de 80 km<sup>2</sup> de área indígena. Agora só resta saber quando e  
 principalmente como as Terras Potiguara serão demarcadas, ou se  
ja, se a demarcação beneficiará os Potiguara ou os habitantes  
 não-indígenas que no decorrer do tempo invadiram terras indígenas.

Difícil será recuperação das terras perdidas com  
 a criação da Baía da Traição em 1962. Sua superfície é de 57Km<sup>2</sup>,  
 em sua totalidade dentro do PI.

Contrário às afirmações de Amorim, os Potiguara  
 não são pescadores marítimos, trata-se esta de uma atividade qua  
se exclusiva de não-indígenas.

Entretanto o fato dos Potiguara não serem pescado  
res marítimos hoje, não significa que não podem querer sê-lo no  
 futuro com construção de casas de veraneio, nas suas praias, os  
 Potiguara perderam o acesso ao mar, que poderia ter sido uma de  
 suas maiores fontes de renda.

A devastação das matas iniciou-se em escala maior  
 com a chegada da Fábrica de Tecidos Rio Tinto. A Fábrica precisa  
va de madeira de construção e mais ainda, de madeira para alimen  
tar nas máquinas.

Nos "ariscos" situados a certa distância das al  
deias, os Potiguara praticam a cultura tipo "Coivara". A maior  
 parte da roça destina-se a mandioca que é plantada em dezembro/  
 /janeiro, e outra vez em setembro.

No "arisco" um dos maiores problemas ã a presença  
 de formigas de roça, e poucos remanescentes dispõem de dinheiro  
 para a aquisição de formicida.

No "paül" plantam uma vez por ano, a partir de se  
tembro/outubro. No inverno as terras são demasiadamente molhadas.

Também no paúl planta-se mandioca, milho, feijão e bananeiras. Estas são terras mais férteis.

Para complementar a renda familiar, precisa-se recorrer a outras fontes de renda. A possibilidade de vender a própria força de trabalho tem sido mínima. Resta como último recurso, a extração da madeira, que se torna difícil porque a FUNAI proíbe a devastação das matas.

Embora irregular a extração de madeira constitui fonte de renda suplementar para os Potiguara. Sem ela, as privações seriam insustentáveis pois somente a agricultura não permitiria a eles viver em condições dignas de um ser humano.

Antes de 1969, os Potiguara transportavam seus produtos agrícolas em caminhões particulares para a feira semanal de Rio Tinto. Por causa disso o PI adquiriu naquele ano, um caminhão, mas pouco tempo depois, por falta de manutenção, esse caminhão foi transferido para outro PI. Rio Tinto fica a cerca de 30 Km da aldeia São Francisco. A feira da Baía da Traição, que surgiu há poucos anos, em consequência do desenvolvimento vernáculo da cidade, atraiu poucos consumidores e beneficia somente aos remanescentes que moram perto. A impossibilidade de comercializar tem desestimulado os Potiguara das aldeias São Francisco, Galego e Forte, a produzir além do necessário ao sustento.

Não há nas aldeias privadas internas ou externas, nem água encanada nem luz elétrica. Esses últimos benefícios só existem para alguns privilegiados no Forte, onde fica a residência do encarregado do PI.

Os Potiguara desejam casas maiores, com um acabamento melhor (rebouco e pintura), piso de cimento e janelas de madeira pintada; cobertura de telhas e um melhor abastecimento d'água e luz elétrica.

Os velhos ainda se lembram das sete matas outrora existentes, que cobriam quase toda a área do PI. Hoje só existe uma mata, em fase de extinção. Em lugar das matas, surgiram muitas mangabeira, espalhadas pelos tabuleiros. Na época da safra,

abril/novembro, fornecem a muitos Potiguara uma fonte de renda complementar.

Ainda há outras fruteiras de propriedade coletiva, como o cajueiro, mas cujos frutos não são comercializados ( mangueiras, coqueiros, laranjeiras, bananeiras).

#### Educação

O PI mantém 8 escolas, localizadas em Tramataia, Galego, São Francisco e Forte. Somente a última escola conta com duas salas de aula, as outras só possuem 1 sala. O material didático é o mínimo necessário.

Todas as escolas ensinam até o 4º ano do primeiro grau. Quem quer estudar até o 8º. ano tem que ir a Baía de Traição.

Cabe a FUNAI, reestudar, o programa educacional do PI, adaptando-o às necessidades locais. Deve ser estudada a possibilidade de ampliar a escola de São Francisco, com ensino até a 8a. série, para beneficiar todas as aldeias próximas cujos alunos não têm possibilidade de ir diariamente a Baía da Traição.

Quando por volta de 1930, o SPI passou a atuar entre os Potiguara, existia liderança tribal, na figura do Tuxauá Manuel Santana dos Santos, que liderou os Potiguara de 1920 a 1942. Seu sucessor já não foi escolhido pelos remanescentes, mas nomeado pelo SPI. Não existem atualmente "lideranças Potiguara".

Há uma certa rivalidade inter-aldeias. Já em 1969 foi observada a rivalidade entre São Francisco e o Galego, que naquela época fez uma tentativa de mudar o nome para São João. Afirmam os habitantes de São Francisco que os da vila costumam dar informações erradas sobre a aldeia a visitantes do PI:

"Os da vila não querem, saber de ser índios; são índios quando é para receber alguma coisa de graça do Posto; eles pensam que são mais do que a gente".

#### Religião

Até 1966, as autoridades paraibanas perseguiram violentamente os cultos africanos e indígenas. Nesse ano foi autori



zado os cultos africanos mas nada foi especificado sobre os cultos de origem-indígena, o Catimbó, por exemplo.

Tanto na região sul do litoral paraibano, onde ainda existe o Catimbó relativamente autêntico, entre prováveis descendentes de índios Potiguara ou Tabajara, não assistidos pela FUNAI, quanto entre os Potiguara no norte do Estado, sobrevive a lembrança das recentes persiguições religiosas.

"Os Potiguara não gostam de falar no "Catimbó"po-de-se afirmar portanto que pelo menos a crença no catimbó persiste embora as práticas tenham dito abolidas".

1.973: Os Remanescentes indígenas Potiguara da Paraíba:

Os remanescentes Potiguara vivem no PI Potiguara, na Paraíba, fundado por volta de 1928.

A superfície do município da Baía da Traição é de 57 Km<sup>2</sup>, em que vivia, em 1969, uma população de cerca de 4.000 hab. A base da economia da região reside na agricultura e na pesca. A pecuária é de menor importância. A FUNAI estima a população Potiguara em 3.000 pessoas.

Dos 2.400 do PI recenseados, apenas 251, ou seja 10,4% foram classificados como indígena "puros". As maiores percentagens de índios "puros" são encontrados nas aldeias São Francisco e Grupiuna (30% da pop.) enquanto nas outras aldeias as percentagens variam de 0,0% a 7,9%.

Registramos a existência da rivalidade de inter-aldeia, entre a aldeia São Francisco e a Vila São João, recentemente elevada à essa categoria, ocasião em que mudou o nome antigo Galego, para o atual.

A rivalidade entre a aldeia e a Vila é gerada pela diferença de nível de integração à sociedade regional, pois trata-se de uma Aldeia reconhecidamente tradicional, São Francisco e uma Vila progressiva, São João que parece identificar-se com a sociedade regional.

Integração

Ribeiro define integração como a participação intensa na economia e nas principais formas de comportamento institucionalizado de sociedade nacional. O resultado seria a des

caracterização lingüística e cultural, porém a lealdade étnica seria mantida, não havendo assimilação, que pressupõe a perda da identidade étnica.

A etapa final da integração não corresponde à fusão dos grupos indígenas na sociedade nacional como parte indistinguível dela, pois essa seria a assimilação grupal que não ocorreu em nenhum dos casos examinados.

Integração representa certo grau de conservação dos atributos culturais tribais com uma crescente participação na vida econômica e no comportamento institucionalizado da sociedade nacional. Existem grupos que só falam português e são profundamente mestiçados, mas distinguem-se das pop. rurais brasileiras com que convivem por se identificarem e serem identificados como indígenas.

Numa sociedade integrada, todos, índios e não-índios, teriam os mesmos direitos, oportunidades e previlégios; portanto, uma integração à nível econômico.

Um índio não-integrado economicamente é por definição um obstáculo. Por outro lado, um índio não integrado cultural, social, política e religiosamente não é obstáculo para nada, pelo contrário, pode ser mais facilmente dominado e explorado, de onde se entende a condescendência para com as diferenças culturais indígenas. Portanto integra-se o índio dessa segunda maneira, não em benefício do índio, mas em interesse próprio.

Integrado é aquele grupo indígena que participa plena e conscientemente na vida econômica, social e política da nação, mas que, por motivos vários, ainda conserva sua identidade étnica e eventualmente alguns elementos da cultura tradicional. Assimilado é aquele grupo indígena que participa plena e conscientemente na vida econômica, social, política e cultural da sociedade brasileira com a qual se identifica. O resultado final do processo de integração social seria a assimilação (fusão). Os índios deixariam de ser índios e se tornariam em tudo iguais aos não-índios. Já foi observado por vários autores (Schaden, Ribeiro) que até hoje nenhum grupo indígena conseguiu uma satisfatória



assimilação a sociedade nacional. Também a população Potiguara, constituída por mais de 85% de mestiços, ainda não é assimilada. Da mesma forma não existe nenhum grupo "integrado" à sociedade nacional.

Etnocídio integração que resultando em assimilação, equivaleria ao etnocídio (assaminato cultural).

A integração não deveria ser "forçada" pois de fato haveria então o etnocídio, a destruição proposital e violenta da cultura indígena. Por outro lado, o índio deve ter também o direito e a possibilidade de se integrar plenamente na sociedade nacional, se assim o desejar. (E a discriminação social?).

"Deprivação" seria a perda de privilégios, direitos e confortos uma vez obtidos ou possuídos. Esta perda sempre se relaciona com um quadro de referência que pode ser o próprio grupo (ingroup) ou um outro grupo (out-group). A deprivação não consistiria em uma perda apenas de privilégios mas também numa "falta de privilégios". O grupo que perdeu seus privilégios anteriores e não tem acesso aos privilégios da sociedade dominante, poderia se chamar um grupo privado.

Deprivação seria o resultado da incapacidade de se obter o que a cultura definiu como a satisfação comum das necessidades vitais. A pobreza, a deprivação relativa, implica, portanto, sempre em uma comparação com outros, sejam indivíduos ou grupos, ou consigo mesmo numa data anterior.

- Histórico:

Potyguares - História Colonial do R.G. do Norte no século XVI - Luiz Fernandes.

"De fins do século XV para começos do XVI, isto é, na época em que a história registra os primeiros descobrimentos do Brasil, ocupava toda a zona do litoral nordestino que se estende do Parahyba, extremo sul do domínio potyguar ao jaguaribe, extremo norte do mesmo domínio, uma tribo numerosa de índios da raça Tupy chamados Petyguares, palavra esta que em português quer dizer amigos do fumo (do radical pety-fumo)". (pág. 5 e 6)

"Por outro lado, os Petyguares, ao meu ver, um pouco apprehensivos com o espectáculo extranho que se desenrolava deante de seus olhos, quer em terra, quer no mar, e em que viam uma ameaça não só a posse de suas terras, como a secular liberdade de que gozavam, a pouco e pouco se foram internando, sem de todo abandonarem a costa, no propósito de receberem hostilmente quais quer usurpadores de seus domínios". (pág-15)

"Para evitar estes males e outros que poderiam resultar contra os interesses luzitanos, a metrópole por carta régia de 15 de março de 1597, ordenou ao capitão mór de Pernambuco, Manoel Mascarenhas Homem, com sciencia do governador geral do Brasil, que fosse conquistar a capitania do Rio Grande ".(pag.15)

"Em 6 de janeiro do anno seguinte, iniciava Mascarenha Homem, na foz do rio, as obras de um fortem que recebeu o nome de "Reis Magos"... (pag.15).

"A esse tempo, chegava por terra, a fim de auxiliar Mascarenhas na construção do forte e expulsão definitiva dos índios conforme determinação de carta régia de 15 de março, Feliciano Côelho de Carvalho, capitão mór da capitania da Parahyba e que fizera acompanhar de um contingente de cerca de 500 homens, entre companhias de cavallaria, infantaria e arcabuzeiros e de 350 índios flexeiros das capitancias da Parahyba e Pernambuco. (pág.16)

"Assim, ao mesmo tempo em que expulsava os francezes das terras que ocupam. Mascarenhas Homem enfrentava com energia os ataques dos Potyguares, de modo que, em pouco tempo, conseguiu rechaçá-los completamente".

"Como quer que seja e embora estivesse em condições de repellir os petyguares e rechaçá-los de uma vez, caso viessem a criar dificuldades... preferiu mandar fazer-lhes uma proposta de Paz, encarregando desta missão Fr. Bernardino das Neves, um dos capuchinhos que acompanharam Mascarenhas Homem, por ser muito perito na lingua dos gentios..."(pag.15).

"Fr. Bernardino houve-se com bastante critério e bom senso no desempenho de sua missão, obtendo afinal o mais completo

resultado, devido, em grande parte, aos bons ofícios do chefe indígena... (Itaguassú), o qual foi em pessoa ao aldeamento de seus irmãos e depois de reunir ali os chefes de todas as aldeias tanto do litoral como do interior, dirigiu-lhes a palavra... "Vós, irmãos e parentes, mui bem conheceis e sabeis quem eu sou, e a conta que sempre de mim fizestes assim na paz como na guerra. E tudo é o que afora me obrigou a vir dentre os brancos a dizer-vos que, si quereis ter vida e quietação e estar em vossas casas e terras com vossos filhos e mulheres, é necessário sem mais outro conselho ires logo commigo ao forte dos brancos, a fallar com Jeronimo de Albuquerque Capitão delle, e com os padres e fazendo com elles pazes, as quaes serão sempre fixas, como foram as que fizeram com o Braço de Peixe, e com os maid Tabajaras, e o costumam fazer em todo o Brazil..." (pag.19).

"As considerações do intelligente cacique Petyguar foram bem recebidas, de maneira que os principais chefes das aldeias; entre os quais pau-secco e sorobabê, se foram logo ao forte a se entender com o capitão-mor..." (pag.19).

"Todo esse movimento em nada alterou a vida dos Petyguares, que, confiando na lealdade do capitão-mor, viviam tranquilos em suas aldeias.

Isso, porém, os não impedia de, influenciados pelos padres da Companhia de Jeus, Contrabirem frquentes enlaces matrimoniais com portuguezes.

Tinhamos, assim, a fusão das raças, que se impunha como um tanto lógico, inecitável, assegurando cada vez mais a tranquilidade e o desenvolvimento de cada uma dellas.

E era esta a situação dos Petyguaras, ao terminar o século XVI" (pag.21).

MINTER - FUNAI -  
M.ª de Penha C. de Almeida  
Antropóloga